

Pesca comercial na costa alentejana

João J. Castro (Prof. Auxiliar da Universidade de Évora)

Departamento de Biologia, Laboratório de Ciências do Mar – CIEMAR

Centro e de Oceanografia, Faculdade de Ciências de Lisboa;

www.dbio.uevora.pt;

www.ciemar.uevora.pt

Na costa alentejana, a pesca comercial envolve geralmente embarcações e explora sobretudo ambientes subtidais. São excepções a apanha comercial de percebe e outros mariscos, bem como a pesca comercial à linha. Estas actividades podem ser feitas apeadas, a partir de terra e sem recurso a embarcações, e o pescado nelas capturado é raramente transaccionado em lota. Neste trabalho serão apenas consideradas actividades de pesca comercial cuja produção é geralmente transaccionada em lota e sobre as quais foram publicadas estatísticas de pesca pelo Instituto Nacional de Estatística e/ou pela Direcção-Geral das Pescas e Aquicultura. Na maior parte dos casos, os dados aqui apresentados foram obtidos em publicações deste tipo.

A maioria dos portos existentes na costa alentejana é de pequena dimensão, com uma utilização essencialmente sazonal, e de apoio a uma pesca tradicionalmente artesanal e local. O porto de Sines (figura 1) é o mais importante desta região, sendo nele descarregados cerca de 93%, em peso, do pescado transaccionado nas lotas alentejanas. No entanto, é relativamente frequente a exploração da costa alentejana por parte de embarcações provenientes de outros portos importantes (e neles registadas), como os de Setúbal, Sesimbra, Sagres e Lagos, ou mesmo de outros portos portugueses mais distantes. Neste caso, o pescado capturado é geralmente desembarcado em Sines.

Quanto se pesca?

A importância da actividade pesqueira exercida a partir dos portos alentejanos é relativamente reduzida em termos nacionais, tendo em atenção as figuras 2 e 3:

- o peso total de pescado marinho desembarcado por ano nas lotas alentejanas correspondeu, em média, a cerca de 6634 toneladas entre 1969 e 2005 (cerca de 3% do respectivo total nacional), tendo-se verificado uma tendência global de crescimento positivo, apesar de ter ocorrido uma elevada variabilidade interanual;

- nos anos de 1976 a 1986, e de 1989 a 2005, a tonelagem de arqueação bruta das embarcações matriculadas por ano nesta região correspondeu, em média, a cerca de 1603tM (cerca de 1% do respectivo total nacional), tendo-se verificado uma tendência global de crescimento negativo até 1997, e positivo desde este ano.

Apesar do peso do pescado marinho desembarcado por ano nas lotas portuguesas apresentar uma tendência global de crescimento negativo, verifica-se o oposto na respectiva percentagem desembarcada em lotas alentejanas, que aumentou mais de oito vezes de 1969 para 2005 (figura 3). Em cada ano deste período, a verba total envolvida na primeira venda deste

pescado correspondeu, em média, a cerca de 2,6% do respectivo total nacional, tendo atingido cerca de 14,4 milhões de euros em 2005.

Entre 1990 e 2005, o número total de pescadores matriculados por ano no Alentejo correspondeu, em média, a cerca de 814 pessoas (cerca de 2,9% do respectivo total nacional), e tem decrescido de forma relativamente acentuada: 1383 em 1990; 623 em 1995, 1996 e 1997; 703 em 2005.

O que se pesca?

As embarcações pesqueiras matriculadas no Alentejo são maioritariamente pertencentes às frotas local e costeira, e utilizadas na pesca por cerco, arrasto ou polivalente (neste caso, usando aparelhos de anzol, redes de emalhar ou armadilhas). A pesca por cerco (figura 1) é responsável por uma maior quantidade de pescado desembarcado, nomeadamente de pequenos peixes pelágicos, com destaque para a sardinha. Porém, a pesca polivalente tem transaccionado valores mais elevados na primeira venda, devido ao maior valor comercial das principais espécies capturadas: por exemplo, o polvo, o choco, o congro, a pescada, o robalo e diversas espécies de peixes da família Sparidae (por exemplo, sargos, dourada, pargo, besugo).

Este padrão é visível na figura 4, sendo de assinalar que:

- relativamente aos das outras categorias consideradas, apenas os desembarques de pequenos peixes pelágicos apresentaram uma tendência global de crescimento entre 1973 e 2005, tendo este sido positivo;

- em média, os desembarques anuais de pequenos peixes pelágicos equivaleram a cerca de 68% do peso do pescado marinho, tendo atingido o valor máximo (cerca de 85%) em 1998 e 1999, e mínimo (cerca de 47%) em 1973.

Entre 1973 e 2005, o valor transaccionado anualmente na primeira venda de pequenos peixes pelágicos correspondeu, em média, a cerca de 33% das vendas de pescado marinho. Neste período, atingiu o valor máximo de cerca de 48% em 2002 (cerca de 5,5 milhões de euros), e mínimo (cerca de 18%) em 1973.

A pesca comercial de algas marinhas também é importante na costa alentejana, nomeadamente na zona da Azenha do Mar, devido à abundância de espécies agarófitas, sobretudo exploradas por pescadores dos portos de Azenha do Mar e Lagos. Sendo esta actividade desenvolvida em mergulho e por colheita directa, os fundos subtidais rochosos explorados são relativamente pouco profundos.

As algas marinhas destinadas a uso industrial, apanhadas e transaccionadas no Alentejo entre 1990 e 2001, totalizaram, em média, cerca de 147 toneladas (peso seco) por ano (cerca de 13,1% do respectivo total nacional), embora se tenha registado uma grande variabilidade interanual nos valores totais (pesos máximo e mínimo em toneladas de peso seco, respectivamente: 306 em 1991, e 62 em 1992).

Apesar de se ter verificado na costa sudoeste portuguesa um aumento das capturas de algas deste tipo (sobretudo de *Gelidium sesquipedale*) entre 1960 e 1987, esta tendência foi invertida entre 1989 e 1997, acompanhando a evolução das capturas efectuadas a nível nacional.

Com efeito, os mananciais de *G. sesquipedale* da zona de Azenha do Mar foram considerados com dificuldade de recuperação face a um aumento de taxa de exploração e de explorabilidade, e a uma diminuição da capacidade de sustento e das capturas entre 1999 e 2000.



Figura 1- Porto de Sines – em primeiro plano, embarcação de pesca por cerco (foto do autor; 2004).

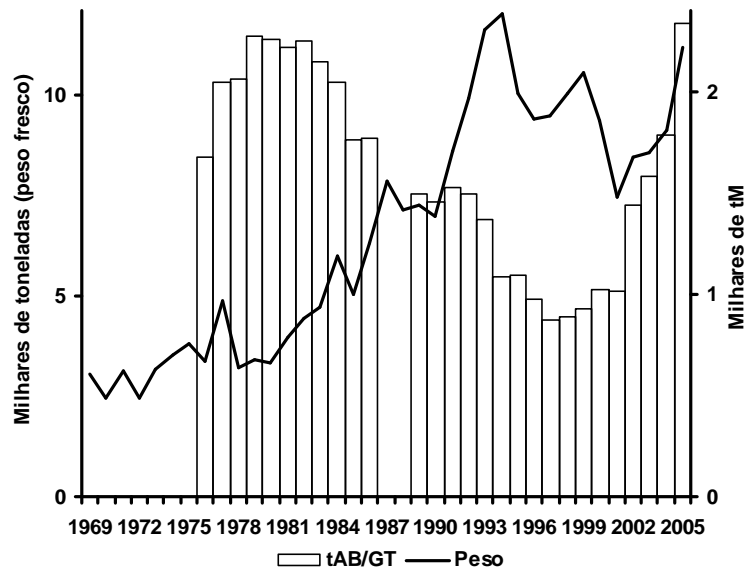


Figura 2- Peso do pescado marinho (peixes marinhos, crustáceos e moluscos) desembarcado em lotas do Alentejo e arqueação bruta (GT a partir de 2003, inclusive; tM- toneladas de Moorson) das embarcações de pesca comercial registadas nesta região - variação anual entre 1969 e 2005 (com base em publicações do Instituto Nacional de Estatística e da Direcção-Geral das Pescas e Aquicultura).

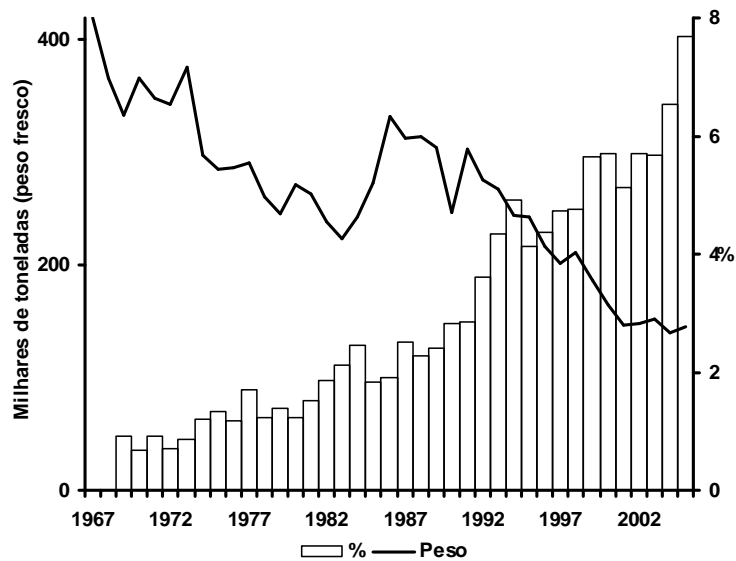


Figura 3- Peso do pescado marinho (peixes marinhos, crustáceos e moluscos) desembarcado em lotas portuguesas e respectiva percentagem (valores não publicados em 1967 e 1968) desembarcada em lotas alentejanas - variação anual entre 1967 e 2005 (com base em publicações do Instituto Nacional de Estatística e da Direcção-Geral das Pescas e Aquicultura).

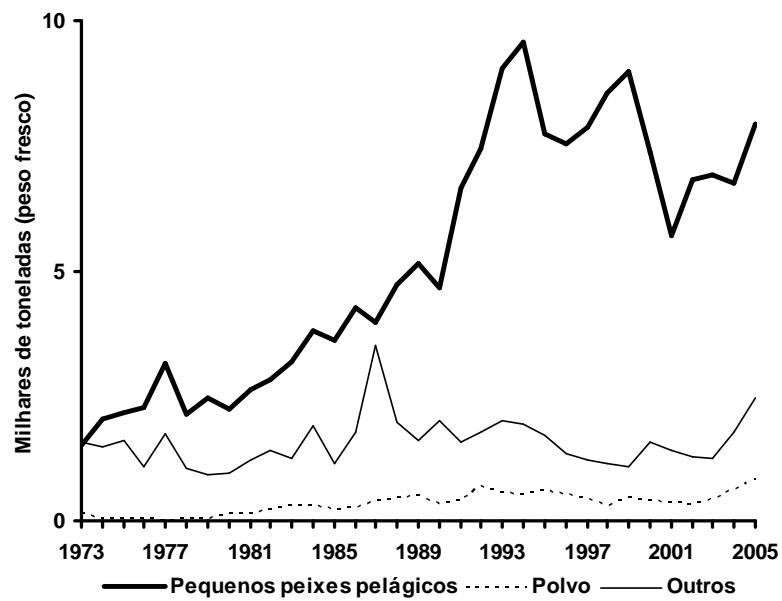


Figura 4- Peso do pescado marinho desembarcado em lotas do Alentejo - variação anual entre 1973 e 2005 (com base em publicações do Instituto Nacional de Estatística e da Direcção-Geral das Pescas e Aquicultura). "Pequenos peixes pelágicos" são: biqueirão, carapaus (incluindo chicharro), cavala, sarda e sardinha. "Outros" corresponde a outros peixes marinhos, crustáceos e outros moluscos.